

## Título

As conexões de saberes através da disputa rimática nos duelos de MCs em Belo Horizonte<sup>1</sup>

José Humberto Rodrigues<sup>2</sup>  
Universidade do Estado de Minas Gerais- UEMG

## Resumo

Essa pesquisa teve como objetivo investigar como se constroem as conexões de saberes dos jovens *rappers* que participam nos duelos de MCs localizado embaixo do viaduto Santa Tereza na cidade de Belo Horizonte. O movimento hip-hop na cidade surgiu entre as décadas de 80 e 90, quando alguns grupos foram apropriando-se de espaços públicos na cidade. A música enquanto momento de fruição, lazer e conhecimento está intimamente ligada à cultura juvenil contemporânea, incorporada hoje como elemento educativo e nos projetos de políticas públicas. Ela também pode apresentar-se como interlocutora dos jovens com a sociedade em geral. Para eles existe uma fundamentação no movimento hip-hop que é da consciência do indivíduo no movimento e consigo mesmo, buscando enaltecer o papel de cada um dentro da sociedade e sua conduta ética. Para balizar nosso entendimento, dialogamos com Dayrell (2006, 2011), Arroyo (2012), Sposito (2007), Magnani (2007) dentre outros. Diante disso, além das análises documentais nos vários suportes de informações, também se optou pelo acompanhamento de quatro jovens no universo do movimento hip-hop. Assim, concluímos que os jovens que participam do movimento hip-hop e nos duelos de MCs agem como um agente social que tem uma missão: ser/estar no *rap* é uma bandeira que deve ser articulada como processo de transformação da realidade e do sujeito. Também estabelecem um ato pedagógico, pois todo esse processo se dá pela interação e mediação entre suas vivências e experiências, trocas simbólicas e produção de sentidos de saberes e fazeres, que se relacionam ao ato de ensino-aprendizagem.

**Palavras-chave:** Cultura de rua; Movimentos sociais; Hip-Hop, Juventudes.

## Introdução

O presente artigo tem como objetivo estudar as conexões de saberes dos jovens *rappers* que participam do movimento hip-hop e nos duelos de MCs, que são organizadas pelo Coletivo Família de Rua (FdR)<sup>3</sup> na cidade de Belo Horizonte.

A concepção musical do movimento hip-hop tem suas raízes na Jamaica, onde jovens músicos buscavam combinar um ritmo musical e o pronunciamento de frases e versos. Essas músicas eram produzidas em discotecas ou mesmo nas ruas. Para alguns pesquisadores, essa

---

<sup>1</sup> Pesquisa realizada com apoio da Fapemig.  
Mestre em Educação/ UEMG. Professor de História/ Pesquisador

<sup>3</sup> Família de Rua pode ser caracterizada como um movimento que acredita na essência da cultura urbana. Sendo sua estrutura de formação horizontal, onde se inserem, além do movimento *hip-hop* e os duelos de MCs, grupos que buscam apropriar-se do espaço urbano da cidade.

referência de estilo tem sua origem nos *griots*<sup>4</sup> que tinham um jeito próprio de contar histórias ou cantar.

A construção rítmica do hip-hop foi sendo adaptada em diferentes países, em um processo de bricolagem-musical, que inseriu a produção de novos arranjos musicais produzidos agora por jovens das periferias urbanas.

Sua divulgação nos centros urbanos, especialmente em Nova York, inicia-se no final da década de 1960, a partir do trabalho de África Bambaata, como estratégia de enfrentamento ao apartheid na sociedade americana.

Com intuito de acabar com a violência dentro e entre os jovens dos guetos, ele organizava batalhas artísticas como forma de conscientização do papel de cada indivíduo dentro daquela comunidade. Assim, surgem os primeiros embates musicais entre jovens como instrumento de dominação da violência e construção de identidade de pertencimento a comunidade.

As manifestações de rua foram apropriadas e adaptadas dentro do discurso e da produção musical no movimento hip-hop, pois através de seus pilares fundamentais, trouxeram novas abordagens na participação e construção de identidades da cultura juvenil.

Os quatro elementos do hip-hop; são: – DJ (disc-jóquei), *break* (dança de solo), MC (mestre de cerimônia) e o grafite (a arte de pintura em muros).

No Brasil, o movimento hip-hop surge na década de 1980, incorporando, nas canções, elementos do cotidiano vivido pelos seus realizadores: educação, desemprego, saúde, violência, lazer, moradia, exclusão social e outros.

Ao adentrarmos no universo do hip-hop na cidade de Belo Horizonte, percebemos que o movimento surgiu entre as décadas de 1980 e 1990, quando alguns grupos foram, progressivamente, apropriando-se de espaços públicos, tendo como propósito apresentar novas culturas juvenis que estavam sendo produzidas e consumidas nas ruas (SOUSA, 2012).

A rua, como espaço de sociabilidade, exclusão e também de inclusão de variados discursos, é o local privilegiado para o movimento hip-hop, pois sua gênese é o encontro entre as culturas de rua e da periferia, tornando-se parte da cultura juvenil. Esse espaço é o lugar do encontro entre as forças instituídas e instituintes, que se digladiam em confrontos ideológicos, de significados e sentidos antagônicos – inclusão e exclusão social (AGIER, 2011).

---

<sup>4</sup> São contadores de história ou cantadores que vivem em muitos lugares do continente africano.

Partindo desse contexto, o interesse da pesquisa foi buscar perceber o caráter formativo constante nas experiências e vivências desses jovens que atuam no movimento hip-hop e nos duelos de MCs e sua influência em seus projetos de vida.

Dessa forma, os eventos que acontecem debaixo do viaduto Santa Tereza, organizados pelo FdR (Coletivo Família de Rua), são de relevância para o entendimento dos movimentos socioculturais – incluindo-se aqui o movimento hip-hop e os duelos de MCs –, que circulam/debatem/propõem a cultura juvenil dentro da cidade de Belo Horizonte.

Diante da complexidade do objeto de pesquisa, o aprofundamento no estudo de alguns conceitos e categorias, assim, como base de sustentação partiu do campo da sociologia da juventude.

Entretanto inicialmente, é importante delinear o que entendemos por juventude. Para balizar nosso entendimento, dialogamos com Dayrell (2006), que salienta que juventude é:

Uma categoria socialmente construída, que ganha contornos próprios em contextos históricos, sociais e culturais distintos, marcada pela diversidade nas condições sociais (origem de classe, por exemplo), culturais (etnias, identidades religiosas, valores etc.), de gênero e, até mesmo, geográficas, dentre outros aspectos. Além de ser marcada pela diversidade, a juventude é uma categoria dinâmica, que se transforma na medida das mutações sociais, que vêm ocorrendo ao longo da história. Na realidade, não há tanto uma juventude e sim jovens, enquanto sujeitos que a experimentam e sentem de acordo com um determinado contexto sociocultural em que se inserem (DAYRELL, 2006, p. 5).

Assim, percebe-se que os jovens estão intrinsecamente ligados ao seu tempo e vivem questões de sua época de formas diferenciadas, mediante fatores como: condição socioeconômica, pertencimento étnico, filiação religiosa, dentre outros.

O desafio do trabalho com a juventude, para além da polissemia do termo, está na dificuldade de sua categorização, que, por si só, é um problema sociológico (SPOSITO, 1997). As representações socialmente construídas em torno dos jovens tendem a retratá-la como uma fase de crise própria da idade. Contudo, a juventude, pensada exclusivamente na perspectiva de uma crise momentânea, inviabiliza o reconhecimento da riqueza dessa fase da vida.

Em reação à ação associativa de jovens, essa tem se transformado no decorrer dos anos, e o contexto histórico pode muito nos falar sobre o tema (OLIVEIRA, 2008).

As motivações que levam um jovem a tomar parte em tais atividades são as mais variadas e estão ligadas a uma série de fatores como: recursos econômicos, sociais, culturais, espaços, tempos, legado familiar, grupo de amigos, dentre outros. Assim, há que se entender essa atividade como um processo. Inseridos nesse contexto estão os “espaços de militância”

como locais privilegiados de intervenção na sociedade mediante a singularidade da luta que se estabelece e os objetivos que se espera alcançar (SEIDL, 2009). Esses locais possibilitam uma relação de proximidade entre o sujeito participante e a realidade social.

Dessa forma, participação dos jovens do movimento hip-hop nos contextos político-sociais na cidade é entendida para além da ação, simplesmente. Nesse sentido, o conceito de práxis pode nos ser de grande valia. O termo varia de acordo com o tempo e os autores que o utilizam.

Tendo como ponto de partida a proposta de estudar as experiências participativas de jovens envolvidos em movimentos coletivos o conceito de práxis social (VÁSQUEZ, 2007) se mostra pertinente ao contemplar uma atividade que está concatenada à consciência e tem como objetivo a intervenção e a transformação da realidade na qual se está inserido. Nesse sentido, a práxis está vinculada aos fins que se quer alcançar mediante uma situação real. Segundo Vázques (2007),

A práxis social é a atividade de grupos ou classes sociais que leva a transformar a organização e a direção da sociedade, ou a realizar mudanças mediante a atividade do Estado essa forma de práxis é justamente a atividade política (VÁZQUES, 2007, p. 231)

Sendo assim, entendemos que participar no contexto de atuação do jovem envolvido com movimentos sociais é algo que ultrapassa simplesmente a convivência, o estar presente, é na verdade produzir, de forma consciente, valores e significados em relação a uma dinâmica entre os sujeitos, em seus anseios, divergências e tensões, diante da realidade social.

A ação do jovem é determinada pelas condições vividas por ele. Sua atuação na sociedade envolve, portanto, as experiências do cotidiano. Um diálogo estabelecido com a obra de Thompson (1981) nos leva a entender que a experiência vivida pelos jovens nos movimentos sociais de ação coletiva promove a construção de uma “consciência afetiva e moral”. Nesse sentido, a experiência aparece como ferramenta singular para a construção de valores, de visão de mundo e de posicionamento diante da realidade social. Segundo Thompson (1981),

Os valores não são ‘passados’, nem “chamados”; são vividos, e surgem nas nossas ideias. São as normas, regras, expectativas etc. necessárias e aprendidas (e ‘aprendidas’ no sentimento) no ‘*habitus*’ de viver; e aprendidas, em primeiro lugar, na família, no trabalho e na comunidade imediata. Sem esse aprendizado a vida social não poderia ser mantida e toda a produção cessaria (THOMPSON, 1981, p. 184)

As experiências vividas por jovens em movimentos de ação coletiva ganham sentido na medida em que são vividas. O próprio processo de vivência envolve uma mudança no pensamento, uma formação humana, que, de acordo com Arroyo (2003), “é inseparável da

produção mais básica da existência, do trabalho, das lutas por condições materiais de moradia, terra, transporte, [...], de alimentação, de segurança”.

Nesse sentido, percebe-se a sinalização de que o aprendizado construído pode possivelmente influenciar nos caminhos a serem percorridos no futuro. Tomando como base o processo de participação e as experiências nele envolvidas, esperamos também buscar nos aproximar e entender como se dão os projetos de futuro idealizados pelos jovens pesquisados.

Partindo desses pressupostos, os jovens que participam do movimento hip-hop e dos duelos de MCs têm mediado suas experiências e vivências em vários movimentos culturais pela cidade, articulando o campo político para enfrentamento de demandas da cultura juvenil.

Para a compreensão do movimento hip-hop e sua inserção nos movimentos sociais, optou-se pelos referenciais que sustentaram um aporte teórico, como as pesquisas de Tony C., Marília Pontes Sposito, Paulo Carrano, Marc Lamont Hill, Rafael Lopes de Souza, Mônica do Amaral, Juarez Dayrell que pesquisaram a temática juvenil e o movimento hip-hop. Essas pesquisas tiveram como fonte de estudos um grupo de jovens de movimento juvenil e a possibilidade de repensar a prática pedagógica principalmente aquela direcionada à juventude pobre e excluída.

Para realização da pesquisa foram entrevistados 04 jovens *rappers* que participam do movimento hip-hop e dos duelos de MCs, como também análise da página online do coletivo FdR, reportagens de jornais e revistas, audição de músicas dentre outros.

### **Juventude e o movimento hip-hop nas conexões de saberes**

Mediando o movimento hip-hop com outros movimentos sociais contemporâneos na cidade de Belo Horizonte, como a “Marcha das Vadias”, que buscava redefinir as lutas das mulheres por seus direitos político-sociais; o “movimento Tarifa Zero”, que debatia o papel social dos transportes públicos na cidade; o “Carnaval de rua”, com seus blocos populares; o “movimento Praia da Estação”, que foi contra a imposição da Prefeitura que, através de um decreto, proibia a realização de eventos naquele espaço público, percebeu-se uma constante participação desses jovens do hip-hop participantes desses e outros movimentos dentro da cidade.

A cultura de rua pode ser vista como espaço de sociabilidade, expressão artística e também inclusão social, sendo assim, hip-hop através de sua produção de sentidos e significados para os jovens da periferia, possibilita inúmeros discursos em que espaço público torna-se o pedaço interativo entre o público e o privado. Isto é, desenvolve uma sociabilidade

básica e mais ampla, que se fundamenta nos laços familiares e dialoga com as relações formais e individualizadas pela sociedade. (MAGNANI, 2007, p. 20)

O espaço público é o local apropriado, que possibilita manifestações, como os duelos de MCs em Belo Horizonte, que surgiu em agosto de 2007, quando um grupo de jovens se mobilizou em torno da “Liga dos MCs” (um evento nacional de MCs, que teve uma etapa eliminatória em Belo Horizonte).

Surge, a partir desse momento, um movimento em prol de se criar também, nos espaços públicos da cidade, um evento de duelos de MCs. Formou-se o coletivo da FdR, que, dentre outros projetos sociais, concentrou suas ações em torno dos duelos de MCs.

Desde o primeiro momento o coletivo FdR buscou divulgar os eventos, contactar com a Prefeitura de BH para liberação de alvará, de registro audiovisual e escrito das apresentações, viabilizando equipamentos e promovendo eventos para a arrecadação

A partir do exposto, já é possível compreender que a interação entre esses jovens *rappers* nos duelos pode ser pensada como um processo educacional que está relacionado com o processo de socialização entre os indivíduos, pois “ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1987).

Essa mediatização citada por Freire (1987) também pode ser observada na participação desses jovens dentro do movimento hip-hop em seus quatro elementos – DJ, *Break*, MC e o Grafite –, que interagem com o que é hoje considerado o quinto elemento – o conhecimento (TONY, 2005).

Esses eventos semanais aglutinam um contingente de jovens que se identificam com esse movimento, assim, pode-se inferir que a cultura *hip-hop* não pode ser pensada somente como um ato esboçado pela cultura estanque e que somente existe dentro de uma perspectiva da vida social, pois, conforme Brandão (2003), toda experiência humana significa realizar-se como cultura e dentro da cultura.

Nesse contexto sociocultural, pode-se perceber, como um dos fenômenos dos grupos urbanos, que o movimento hip-hop está inserido nas constantes transformações sociais, culturais, econômicas e políticas através de demandas por apropriação de espaços públicos da cidade.

Esses jovens inseridos no movimento hip-hop e nos duelos também participam de outras manifestações artístico-sociais dentro da cidade. Buscam também construir laços afetivos e político-sociais como sujeitos de uma concepção em que a consciência social e a crítica são construídas através dos embates do contexto social de cada um dos jovens.

As redes sociais são o espaço de divulgação dos eventos organizados pelo Coletivo FdR, que posta diariamente ações e eventos relacionadas à cultura hip-hop.

Através de uma investigação das postagens no *facebook*<sup>5</sup> do Coletivo FdR, encontra-se divulgação e os registros dos diversos duelos, programas político culturais, intervenções urbanas, vídeos de apresentações na cidade de Belo Horizonte e em outras localidades.

A ampliação e a rapidez da divulgação de informações nas redes sociais têm demonstrado que os jovens estão diariamente conectados com esses meios eletrônicos. A utilização dessas redes pelo Coletivo FdR – participantes e admiradores – torna-se um espaço de sociabilidade no momento em que o suporte eletrônico incorpora discursos, produção de sentidos e saberes de todos os envolvidos.

Conforme Sorj (2003), a internet passou a ser o meio de comunicação à distância mais utilizado, substituindo o correio e até certo ponto o telefone, naturalmente ela está presente e permeia todas as relações sociais, econômicas e políticas. Assim também analisamos reportagens publicadas em jornais e revistas, além de entrevistas publicadas pelos sujeitos envolvidos na pesquisa.

Buscando compreender que essas conexões de saberes dos jovens *rappers* não têm somente um caráter institucionalizado, nem tampouco um local específico para a sistematização de um determinado conhecimento válido, buscou se interagir com outros movimentos socioculturais da cidade; como também com eventos políticos e apresentações em espaços educativos; escolas públicas e privadas, faculdades e universidades.

Para além dos muros das escolas, existem espaços de apropriação de construção de saberes e de sentidos para a juventude, que cada vez mais incorpora diferentes signos estéticos, significados do seu cotidiano e projetos de vida dentro do espaço urbano das cidades.

Dessa forma, os jovens envolvidos com a cultura hip-hop tornam-se protagonistas de suas histórias, construindo conhecimentos através da produção de saberes que passa pelas rimas e canções que abordam seu cotidiano, o de sua comunidade, de suas famílias e de outros “manos”, que, como eles, participam do movimento hip-hop e dos duelos de MCs.

Moreno e Almeida (2009) e Oliveira e Silva (2004) buscam identificar as raízes históricas do movimento hip-hop e o envolvimento da juventude nos movimentos sociais, salientando que a participação dessa juventude surge no bojo de novos questionamentos sobre a apropriação dos espaços públicos e das políticas públicas.

---

<sup>5</sup> Disponível em: <[www.facebook.com/familiadrua](http://www.facebook.com/familiadrua)/<https://www.facebook.com/movimentoMC>>.

Também é importante ressaltar que, para os autores, esse engajamento político não configura uma adesão política partidária, e sim uma perspectiva de luta em prol de melhorias em suas relações com a cidade, a construção de cidadania e de direitos sociais.

Assim, a cultura de rua que incorpora as manifestações socioculturais é ampliada em seu escopo, quando observamos que os jovens do movimento hip-hop estão interagindo no processo social de integração com os meios culturais e apropriação dos espaços dentro da cidade.

Para Carrano (2001, p. 19), os jovens que fazem da rua um lugar de encontro e sociabilidade expressam a possibilidade de recuperação do sentido público e educativo da rua, numa implícita condenação ao recolhimento e à falta de sociabilidade dos espaços privados.

O movimento hip-hop é feito em parcerias e realizado por muitas “mãos” e “vozes” entrelaça-se e dialoga com a cultura juvenil, a cultura de rua, as artes, as experiências e vivências de cada um dos envolvidos dentro de um contexto macro, que, em muitos momentos, foi direcionado para o espaço micro, no qual o indivíduo, em sua historicidade, busca na memória os passos e os percalços do seu cotidiano.

A participação dos jovens *rappers* dentro do movimento hip-hop é atravessada por configurações de sentidos que dialogam com a complexidade de ver/viver e conviver nos espaços da cidade, que é paradoxal, pois os recebe e também os rejeita.

Esses espaços são repletos de ressignificações, que vão de práticas político culturais de convivências até as de conflitos.

Sendo assim esses jovens que frequentam os duelos de MCs, demonstram pelas suas narrativas o papel político social do movimento hip-hop, enquanto mediador entre o que se desenrola no cotidiano, com seus sonhos e desejos e as relações entre o instituído pelos espaços de exclusão demarcados na cidade pelo Estado.

Esse cotidiano é marcado pelo sentimento de uma geografia delineada em um cenário da periferia, isto é, em que as condições de vida são difíceis e a falta de estrutura social e urbana impõe novos rearranjos sociais na perspectiva de pertencimento que se faz presente na inspiração dos jovens através da escrita de músicas, poemas e rimas nos múltiplos sentidos e modos de ser e viver.

Esses jovens demonstram construir novos saberes e fazeres, por meio do conhecimento musical, das composições rítmicas, das junções entre melodia e ritmo, da instrumentalização de equipamentos e sonoridade para a montagem das batalhas rimáticas, da construção simbólica de um léxico próprio proseado, fazendo conexões entre o conhecimento



formal e não formal, da concepção de que a participação político social deles nos movimentos sociais é fundamental para a construção de uma sociedade mais democrática.

O cotidiano dos jovens que participam do movimento hip-hop e os duelos de MCs estão ligados diretamente com suas conexões de saberes, que perpassa pela a cultura de rua, a família, a escola, a cidade, a galera, a comunidade/bairro em que moram e suas experiências e vivências sociais.

Esse cotidiano é atravessado por vários sentidos, e estão diretamente ligados com suas histórias e memórias individuais e coletivas, onde o papel social dos pais é fundamental para o jovem *rapper* em sua trajetória de vida.

Observa-se que os significados simbólicos adotados por eles em relação aos colegas e amigos, a cultura de rua, o conhecimento, a educação, as festas e batalhas rimáticas são questões que se inter-relacionam com sua condição de ser jovem hoje e nos enfrentamentos das questões sociais, culturais, econômicas e políticas em seus cotidianos.

Percebe-se ainda, que esses jovens atribuem sentidos e significados de modos diferentes de ser e de estar dentro da cultura do hip-hop, isto é, eles debatem as questões estruturais e funcionais dentro da cidade e das comunidades e bairros em que vivem, alicerçam o debate para a necessidade de conhecimento como plataforma de mudança sociocultural para juventude.

Participam dos mais variados movimentos reivindicatórios, vivenciam e reinventam novas abordagens de apropriação dos espaços públicos, criando novas pedagogias que narram seus cotidianos como expressão de saberes e enunciações educativas que estão fixadas através dos elementos que compõem o movimento hip-hop que são o grafite, o MC, o DJ e o *break*, e que estão conectados ao quinto elemento, que é o conhecimento.

Para os jovens do movimento hip-hop, o conhecimento é a “mola” propulsora de toda cultura hip-hop e símbolo de resistência e de atitude frente ao discurso hegemônico de uma cultura de exclusão social.

Participar desse movimento é fazer parte de um contexto social, em que os discursos podem ser entendidos como um caráter formativo de resistência e de luta diária por melhores condições de vida, pois a ação coletiva em que os jovens estão inseridos pode ser baseada em solidariedade, percepção de desenvolvimento de um conflito e rompimento dos limites do sistema em que a ação ocorre. (MELUCCI, 2001).

Para o enfrentamento constante dessa exclusão social, que impõem regras de distanciamento e aceitação de um *status quo*, novos territórios simbólicos surgem para esses jovens através do convívio solidário, da participação social nos movimentos com propostas de

mudanças sociais, no sentimento de pertencimento na e pela cidade, na construção de outras histórias e memórias de luta e de enraizamento social através de suas famílias, dos seus bairros e comunidades, dos amigos e da coletividade.

Nessa construção de novos territórios de sentidos, podemos salientar que os jovens idealizam seus sonhos pelo movimento hip-hop na configuração de uma revolução subjetiva que determinará atitudes que podem romper com os grilhões da ignorância, do medo e do próprio sentido de ser/estar inserido dentro de uma sociedade e dela torna-se um agente social transformador.

O movimento hip-hop pode ser pensado como um espaço de musicalidade, resistência e sociabilidade entre os indivíduos que mediam os espaços da cidade, suas experiências e vivências.

A música, enquanto momento de fruição, lazer e conhecimento, está intimamente ligada à cultura juvenil contemporânea, incorporada hoje como elemento educativo no processo de ensino-aprendizagem e nos projetos de políticas públicas. Ela também pode apresentar-se como interlocutora dos jovens com a sociedade em geral. Conforme Martins (2005, p. 3),

[...] a música – elemento importante na cultura juvenil – apresenta-se assim, como aglutinadora de sociabilidades e, por isso, permitirá aos jovens a possibilidade de participação e atuação afetiva nas questões relacionadas com a sua comunidade.

Para esses jovens, ser considerado um *rapper* pelos seus pares é a gratificação pela dedicação ao trabalho e aos estudos que realizam para as participações nos diversos duelos que acontecem cidade.

Eles também participam de outras batalhas, como a do Santê (bairro Santa Tereza), no Mercado Novo, no *Shopping Uai*, no Eldorado, bem como em outros eventos organizados pela FdR.

Esses jovens são sujeitos que constroem conhecimento através das suas interações e ações com o meio social. Para esses jovens, a busca pelo conhecimento dá-se várias formas. Eles foram socializados na cultura hip-hop através do *rap* e das múltiplas relações que norteiam o hip-hop com as culturas de rua. Buscam um conhecimento capaz de recuperar a centralidade do pensar educativo – educar a si e a outros jovens através de atitudes, da participação político-cultural.

A valorização do conhecimento pelos jovens rompe com os muros da sala de aula, segue para além de um discurso articulado de uma educação bancária. Rompe com uma

estrutura mantenedora de um saber absoluto e verdadeiro. Constrói-se, nesse espaço de significados e sentidos, uma mediação que não se sobrepõe a saberes e dizeres, mas que está em constante debate com signos que interagem num mesmo campo ideológico e dialógico.

Para além de seus nomes e de suas identidades dentro do movimento hip-hop, os jovens *rappers* tornam-se sujeitos sociais, pois é através desse movimento que são capazes de incorporar e construir novas possibilidades dentro do contexto social, agindo como detentores, formadores e disseminadores de outros saberes, permitindo novas inserções de sentidos que propiciam novos projetos de vida e de sonhos.

## **Conclusão**

Abordamos nesse artigo as possíveis possibilidades de conexões realizadas pelos jovens que participam do movimento hip-hop e dos duelos de MCs na cidade de Belo Horizonte.

Assim concluí-se que esses jovens demonstraram construir novos saberes e fazeres, por meio do conhecimento musical, das composições rítmicas, das junções entre melodia e ritmo, da instrumentalização de equipamentos e sonoridade para a montagem das batalhas rimáticas, da construção simbólica de um léxico próprio proseado, fazendo conexões entre o conhecimento formal e não formal, da concepção de que a participação político-social deles nos movimentos sociais é fundamental para a construção de uma sociedade mais democrática.

Procurando encontrar respostas, mesmo que provisórias, sobre o cotidiano dos “manos e das minas” na busca da compreensão sobre o movimento hip-hop e os duelos de MCs e suas conexões de saberes entre a cultura de rua, a família, a escola, a cidade, a galera, a comunidade/bairro em que moram e suas experiências e vivências sociais.

Nesse procurar, que é atravessado por vários sentidos, e estão diretamente ligados com suas histórias e memórias individuais e coletivas, onde o papel social dos pais é fundamental para o jovem *rapper* em sua trajetória de vida, observa-se que os significados simbólicos adotados por eles em relação aos colegas e amigos, a cultura de rua, o conhecimento, a educação, as festas e batalhas rimáticas são questões que se inter-relacionam com sua condição de ser jovem hoje e nos enfrentamentos das questões sociais, culturais, econômicas e políticas em seus cotidianos.

Esses jovens atribuem sentidos e significados de modos diferentes de ser e de estar dentro da cultura do hip-hop, isto é, eles debatem as questões estruturais e funcionais dentro

da cidade (comunidades e bairros em que vivem), alicerçam o debate para a necessidade de conhecimento como plataforma de mudança sociocultural dos jovens.

Participam dos mais variados movimentos reivindicatórios, vivenciam e reinventam novas abordagens de apropriação dos espaços públicos, criando novas pedagogias que narram seus cotidianos como expressão de saberes e enunciações educativas que estão fixadas através dos elementos que compõem o movimento hip-hop.

Para os jovens o enfrentamento constante dessa exclusão social, que impõem regras de distanciamento e aceitação de um *status quo*, novos territórios simbólicos surgem para esses jovens através do convívio solidário, da participação social nos movimentos com propostas de mudanças sociais, no sentimento de pertencimento na e pela cidade, na construção de outras histórias e memórias de luta e de enraizamento social através de suas famílias, dos seus bairros e comunidades, dos amigos e da coletividade.

Nessa construção de novos territórios de sentidos, podemos salientar que os jovens idealizam seus sonhos pelo movimento hip-hop na configuração de uma revolução subjetiva que determinará atitudes que podem romper com os grilhões da ignorância, do medo e do próprio sentido de ser/estar inserido dentro de uma sociedade e dela torna-se um agente social transformador.

Também se observa que esses jovens, através da cultura hip-hop e dos duelos de MCs, no ser/estar dentro desse movimento político-cultural e de outros, estabelecem um ato pedagógico, pois todo esse processo se dá pela interação entre suas vivências e experiências, trocas simbólicas e produção de sentidos de saberes e fazeres, que se relacionam ao ato de ensino-aprendizagem.

Rompem os limites da simples transmissão de conhecimento para alcançar uma construção dinâmica e sistêmica que se estabelece entre todos no contexto político-social ao qual estão envolvidos.

Também se pode inferir que esses jovens estão sempre na trilha da construção de suas identidades, como também de sentidos e saberes no seu existir, em ações culturais que possibilitam mudanças político-sociais, em uma perspectiva pedagógica de mudança e renovação, porquanto as conexões de saberes que são construídas com seus pares em todos os contextos e espaços sociais – a cidade, a comunidade, o bairro, a rua, a praça, as esquinas – podem ser articuladas e conectadas entre si.

## **Referências**

AGIER, Michel. **Antropologia da cidade**: lugares, situações, movimentos. São Paulo: Ed. Terceiro Nome, 2011.

ARROYO, Miguel G. Pedagogias em movimento – o que temos a aprender com os movimentos sociais. **Currículo sem Fronteiras**, n. 1, v. 3, p. 24-49, jan./jun. 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

C. TONI (Org.). **Hip-hop a lápis**. São Paulo: CEMJ, 2005.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. Jovens na cidade. **Instituto de Estudos Trabalho e Sociedade**. Rio de Janeiro, n. 1, p. 15-22, ago. 2001.

DAYRELL, Juarez. **A música entra em cena**: o *rap* e o *funk* na socialização da juventude em Belo Horizonte: 2001. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, USP, São Paulo, 2001.

DAYRELL Juarez, CAROLINE Áurea. Comunicação e mobilização social. In: LIMA, Rafaela (org.) **Mídias Comunitárias, juventude e cidadania**. 2. ed. Revisada e atualizada – Belo Horizonte: Autêntica. p. 287-300, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Introdução – Circuitos de jovens. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor; SOUZA, Bruna Mantese (Orgs.). **Jovens na metrópole**: etnografias de circuitos de lazer, encontros e sociabilidade. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

MARTINS, Carlos Henrique dos Santos. Os bailes de charme: Espaços de elaboração de identidades juvenis. **Última década**. Santiago, v. 13, n. 22, ago. 2005.

Disponível em: <[http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0718-22362005000100003&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-22362005000100003&lng=es&nrm=iso)>. Acesso em: 9 jun. 2014.

MELUCCI, Alberto. **A invenção do presente**: movimentos sociais nas sociedades complexas. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORENO, Rosangela Carrilo, ALMEIDA, Ana Maria F. O engajamento político dos jovens no movimento *hip-hop*. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14, n. 40, p. 130-142, jan./abr. 2009.

OLIVEIRA, Patrícia Daniele Lima de; SILVA, Ana Márcia Silva. Para além do *hip-hop*; juventude, cidadania e movimento social. **Motrivivência**, n. 23, p. 61-80, dez. 2004.

OLIVEIRA, W. J. F. “Maio de 68, mobilizações ambientalistas e sociologia ambiental”. **Revista Mediações**, Londrina, UEL, v. 13, 2008, p. 87-108.

SEIDL, Ernesto. “Disposições a militar e lógica de investimentos militantes”. **Pro-posições**, Campinas, 2009, v. 20, n.º2, maio/ago.

SORJ, Bernardo. **Brasil@povo.com**.: a luta contra a desigualdade na sociedade de informação. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

SOUSA, Rafael Lopes de. **O movimento *hip-hop***: a anticordialidade da “República dos Manos” e a estética da violência. São Paulo: Annablume, 2012.

SPOSITO, Marília Pontes. Estudos sobre juventude em educação: juventude e contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, ANPED, n. 5 e 6, 1997.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

VÁSQUEZ, Adolfo Sánches. **Filosofia da práxis**. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – CLACSO, São Paulo: Expressão Popular, Brasil, 2007.